

CARPE DIEM: Revista Cultural e Científica da FACEX, v. 9, n. 9 (2011)

ISSN 2237-8685

A INTERDISCIPLINARIDADE NA GESTÃO DA APRENDIZAGEM

Joseana Maria Araújo Medeiros¹, Maria Costa Patrícia Oliveira²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica que possibilitou uma ação interdisciplinar, tecendo os conhecimentos das diferentes áreas envolvidas e contribuindo para uma aprendizagem contextual e significativa sobre o rio Potengi. A atividade aconteceu com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede privada, localizada na cidade de Natal/RN. No processo de estudo utilizamos os procedimentos metodológicos baseados na proposta da pedagogia sistêmica, permitindo a participação efetiva dos alunos através de momentos oportunos para opinarem, discutir as descobertas e reconstruir seus conhecimentos. Nessa perspectiva, se evidenciou a gestão compartilhada, os alunos interferiram no processo apresentando suas dúvidas, contribuíram na elaboração de documentos, cartazes e documentário. O projeto explorou aspectos relevantes como a importância ambiental e social do rio Potengi para a nossa cidade, percorrendo a parte histórica e geográfica. A articulação entre os conhecimentos científicos das áreas ocorreram através de situações de pesquisa, aula de campo e entrevista com especialista. Na oportunidade os alunos puderam confrontar suas hipóteses iniciais com as informações que eram apresentadas a cada momento de investigação, inclusive conseguindo identificar os conteúdos em suas respectivas áreas. No final do projeto os alunos decidiram elaborar uma carta com propostas de melhorias para o rio Potengi, que depois foi entregue pessoalmente a uma das autoridades da cidade. Para todos que vivenciaram esse projeto ficou a importância da aprendizagem, da construção da conscientização e da ação social como cidadão.

Palavras-chave: Aprendizagem. Consciência. Interdisciplinaridade.

THE INTERDISCIPLINARITY IN LEARNING MANAGEMENT

ABSTRACT: The objective of this work is to present a pedagogical experience that has enabled an interdisciplinary action, involving knowledge from different areas and contributing to a meaningful and contextual learning about the Potengi River. The activity took place with students from the second year of primary education from a private school, located in Natal-RN. In the process of this study we used the methodological procedures based on systemic pedagogy, allowing effective participation of the students, through adequate moments in which they could opine, discuss their discoveries and reconstruct their knowledge. In this perspective the shared management was emphasized: the students interfered in the process, showing their doubts, elaborating documents, posters and documentary. The project explored relevant aspects such as the environmental and social importance of the Potengi River to our city, also addressing historical and geographical sections of the subject. The articulation between the scientific contents of the different areas occurred through research situations, field class and interview with a specialist. The students were able to confront their initial hypotheses with the information that was presented in each moment of investigation, also managing to identify the contents in their respective areas. At the end of the project the students decided to write a letter with proposals for improvements to the Potengi river, that later was delivered personally to one of the city authorities. To everyone that experienced this project it remained the importance of learning, of the construction of awareness and of social action as a citizen.

Keywords: Learning. Consciousness. Interdisciplinarity.

¹ Pedagoga, Psicopedagoga e Mestre em Educação. Contato: joseaneamedeiros@gmail.com

² Graduando do curso de Pedagogia – FACEX. Contato: patricia7setembro@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A escola é o espaço educativo por excelência e as ações pedagógicas desenvolvidas devem contribuir na formação dos indivíduos na perspectiva de torná-los cidadãos conscientes e atuantes na sociedade. Assim sendo, desenvolvemos um projeto de conscientização ambiental e social com o objetivo de possibilitar uma ação interdisciplinar, tecendo os conhecimentos das diferentes áreas envolvidas e contribuindo para uma aprendizagem contextual e significativa sobre o rio Potengi. Essa ação se concretizou em uma turma do 2º ano de uma instituição escolar da rede privada, situada na cidade de Natal/RN, que já se propõe desenvolver uma dinâmica pedagógica diferenciada.

A proposta desse projeto se constitui na finalidade de promover a qualidade social na escola. Segundo Libâneo (2004, p. 67) asseguramos essa qualidade na formação cognitiva e operativa dos processos de aprendizagem quando a instituição “desenvolve processos de formação para a cidadania [...] possibilitando aos alunos a preparação para a participação [...] Para isso, cria para a educação da responsabilidade, participação, iniciativa, capacidade de liderança e tomada de decisões”.

O procedimento partiu da curiosidade como impulsionadora da aprendizagem, conforme consta no Projeto Político Pedagógico da escola, que defende os conteúdos elencados em forma de pesquisa, a fim de possibilitar a ampliação dos conhecimentos de forma contextualizada e significativa. Esta sistemática tem o propósito de favorecer o aprendizado individual e coletivo. Desse modo, tendo na programação do 2º ano o conteúdo sobre a água, a turma foi provocada com questionamentos que suscitaram a decisão no grande grupo de investir no estudo sobre o rio Potengi. Nessa condução se favoreceu que os processos de ensino e aprendizagem dos conhecimentos obrigatórios (curriculares) estivessem garantidos, como também se investiu na construção moral vislumbrando a formação para a cidadania.

Esse rio foi escolhido porque é o principal do Rio Grande do Norte com sua nascente no município de Cerro Corá e desemboca na cidade de Natal, fazendo parte do cenário da sua história de colonização. Outro aspecto que motivou essa escolha se encontra nas denúncias do descaso do poder público com a sua preservação, pois são despejados dejetos sem o devido tratamento.

Nesse propósito, destacaram-se como objetivos específicos valorizar o meio ambiente através da reflexão crítica e consciente; desenvolver uma ação social possibilitando a formação cidadã. Os objetivos nortearam o desenvolvimento da nossa ação, que conforme Fazenda (1999, p. 109) “no projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual [...] é imbuída do envolvimento”, que permite a aquisição não só dessa responsabilidade, mas também da autonomia.

Nessa concepção foi aderida à proposta da pedagogia sistêmica de projetos que se caracterizam, segundo Abrantes (1995) pela autenticidade na resolução de problemas que foram constituídos no contexto sócio-cultural dos alunos.

A instituição escolar que se realizou o estudo estava com um projeto geral de mobilização em todas as turmas com a finalidade de proporcionar ações sociais que ultrapassassem os muros da escola, com o seguinte título: “Passos pequenos, metas ousadas”.

É importante relatar que mesmo com objetivos definidos, no decorrer do projeto outras intenções relacionadas ao currículo escolar foram elencadas de forma a possibilitar a intervenção do grupo frente a uma proposta de letramento crítico. Esta proposta, de fato, promoveu a participação ativa dos alunos durante a construção do conhecimento, buscando domínio e autonomia em face das demandas e necessidades a serem produzidas por eles.

Diante de uma metodologia que favorece o protagonismo e a autonomia dos alunos como sujeitos de conhecimentos, foi investido na capacidade de reflexão da realidade social através da leitura crítica, engajando-se em práticas de letramento que possibilitam a inclusão no mundo social. Desse modo, possibilita que eles adquirissem o papel de sujeitos de conhecimento, ressignificando os fatos e assumindo posição frente a eles, pois na ação interdisciplinar podemos proporcionar

[...] atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor atitude de espera perante atos não consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou com si mesmo; atitude de humildade diante da limitação do próprio saber; atitude de perplexidade diante da possibilidade de desenvolver novos saberes; atitude de desafio diante do novo, desafio de redimensionar o velho, atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e as pessoas neles implicados, atitude pois, de compromisso de construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade mas, sobretudo, *de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida*” (FAZENDA, 1999, p. 13).

O currículo escolar nessa perspectiva permite a integração dos conhecimentos de forma interdisciplinar, possibilitando um diálogo entre as áreas e o estabelecimento da cooperação no processo de aprendizagem, o desenvolvimento da reflexão e autonomia dos alunos. Segundo Hernández e Ventura (2000) nessa proposta respondemos os desafios da prática pedagógica atual, damos sentido ao processo ensino aprendizagem e rompemos com a visão técnica do ensino tradicional.

A esse respeito, podemos reportar aos aportes teóricos de Morin (2000) que visa à interligação dos saberes de forma a contemplar os princípios de pertinência dos conhecimentos: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo. É no contexto que podemos adquirir as informações com sentido, para compreender e poder interagir no global e perceber a relação entre o todo e as partes. E no multidimensional reconhecemos que os seres humanos são unidades complexas (biológico, psíquico, afetivo, social e racional) estabelecendo relação em uma sociedade que possui sua dimensão histórica, econômica, sociológica e religiosa; na qual o conhecimento é produzido. No princípio do complexo reside

o desafio de se estabelecer os elementos constitutivos do todo (multiplicidade), reconhecendo as partes em si.

No que concerne essa defesa a incorporação dos problemas contextuais e a interligação dos saberes não propõe a destruição das disciplinas no campo do conhecimento, mas a união em uma ciência, “como, por exemplo, as ciências da terra (a sismologia, a vulcanologia, a meteorologia), todas elas articuladas em uma concepção sistêmica da terra” (MORIN, 2000, p. 28).

Na condução desse pensamento sistêmico do conhecimento a ação pedagógica interdisciplinar se torna viável, por permitir: a integração dos conteúdos, não abordar o conhecimento de forma fragmentada, destituir a dicotomia ensino e pesquisa, ampliar a visão de ensino e aprendizagem, rompendo com um modelo curricular delimitado e com

[...] a incompreensão daquilo que é estudado à força, por coerção mais ou menos manifesta, pois tal fragmentação do conhecimento causa dificuldade para compreender o que foi estudado-memorizado. Nesta situação ocorre um “conhecimento acadêmico”, no qual a realidade cotidiana aparece desfigurada, com base em informações e saberes aparentemente sem qualquer ideologia e descontextualizados da realidade, percebidos pelos alunos com uma única finalidade, a de servir para superar as barreiras necessárias para passar de ano. (SANTOMÉ, 1998, p. 104).

Esse modelo de ensino não corresponde com as demandas para se alcançar uma educação de qualidade. Com base na abordagem sistêmica as necessidades e interesses de estudo são atendidas, possibilitando a promoção do desenvolvimento e das habilidades cognitivas, social e afetiva que contribuem para a compreensão e inserção dos alunos como sujeitos autônomos, críticos e solidários.

2 A EXPERIÊNCIA EM FOCO

Com base na abordagem sistêmica se adentrou na reflexão teórica construindo possibilidade de articular os princípios da prática educativa dialógica de Freire (1997), compreendendo que o estudo contempla um assunto de cunho político e social de grande relevância.

Conforme defesa, essa prática educativa se consolida na perspectiva de promover conhecimentos transformadores, negando a *educação bancária* (FREIRE, 1997), pois essa educação não promove a reflexão contextual, impedindo movimentos de intervenção social. Assim sendo, é um conhecimento científico isolado e distante da realidade. É nessa perspectiva que Flecha e Tortajada (IMBERNÓN, 2000, p.29) pontuam a necessidade de uma decisão por uma educação de igualdade ou de exclusão.

Se queremos ser agentes de transformação ou de transmissão. Os agentes envolvidos não são exclusivamente as professoras e os professores, mas toda a comunidade. Cada vez mais, a educação e as aprendizagens dependem de uma realidade contextual mais ampla.

A metodologia baseada na aprendizagem dialógica possibilita a concretização de uma ação pedagógica fundamentada nas defesas referidas acima e, com base nela se encontra o meio de consolidar os objetivos previstos para essa experiência, pois “a aprendizagem derivada da utilização e do desenvolvimento das habilidades comunicativas é a aprendizagem dialógica” (IMBERNÓN, 2000, p.30).

Os princípios do processo da aprendizagem dialógica se encontram no diálogo igualitário, na inteligência cultural, na transformação, dimensão instrumental, na criação de sentido, na solidariedade e na igualdade de diferenças.

O *diálogo igualitário* foi contemplado nesse projeto através da abertura na seleção do assunto e conteúdos de interesse dos alunos, associando aqueles necessários a eles aprenderem no segundo ano do Ensino Fundamental. Nele não se permite a imposição de um saber, mas amplia-se a valorização dos saberes.

A *inteligência cultural* favorecida na capacidade de consolidarmos uma posição de acordos frente às diferentes ideias e valores. O princípio da *transformação* está baseado na premissa de Freire (1997), defendendo a aquisição do conhecimento como meio de romper com o sistema de reprodução através da conscientização. Desse modo, no estudo se pretende não apenas a compreensão científica sobre a importância da água, mas também o conhecimento político e social acerca de sua defesa.

Na *dimensão instrumental* se estabelece recursos para empreender a aprendizagem possibilitando a crítica. A *criação de sentido* potencializa uma aprendizagem de interação entre os sujeitos e o meio, sendo essa possibilidade favorecida com a questão ambiental discutida no contexto social dos alunos: rio Potengi.

A *solidariedade* é um princípio indispensável ao processo de democratização do saber e das oportunidades, negando toda ação excludente derivadas das condições de classes sociais. A *igualdade de diferenças* deve possibilitar a integração no processo educativo e no caso desse estudo, as ações pedagógicas foram pensadas de forma a permitir que a experiências possibilitasse a cooperação e o respeito às diferenças.

Na sala de aula havia um aluno com necessidades educativas especiais – NEE e os procedimentos garantidos a sua inclusão no processo do estudo foram planejados, refletidos e discutidos para melhor assegurar a sua aprendizagem. E quando necessário as adaptações curriculares inseridas nas atividades desenvolvidas. As intervenções diretas a esse aluno e indiretamente se fizeram presentes como um dos procedimentos de investimento.

Definido o tema Água do estudo, houve a decisão do título: *Rio Potengi não é lixeira*, para se explorar a problemática. Os alunos expressaram suas idéias e conhecimentos iniciais sobre o assunto em questão. As hipóteses explicativas e as questões levantadas permitiram organizar o processo de investigação com a participação efetiva dos alunos, visando a finalidade de contribuir para uma formação crítica da realidade, como requisito da construção da consciência cidadã.

Nesse diálogo inicial algumas provocações foram realizadas aos alunos, para incutir a curiosidade. A partir das questões da situação-problema que se encontra o rio, percebesse que a inquietação necessária para gerar motivação ao estudo se estabelecia, ao ponto dos alunos expressarem o que tinham como conhecimento e o que gostariam de saber, vejamos:

- Como a água do rio Potengi foi poluída?
- O que pode ser feito para isso mudar?
- Como vivem as pessoas que moram perto do rio?
- Eu já passei pela ponte de Igapó e vi o rio. Quem construiu aquela ponte?
- O que quer dizer o nome Potengi?
- Como se escreve Potengi, com “g” ou com “j”?
- No rio a água é doce ou salgada?
- No rio tem ondas?

Perguntas aparentemente simples que poderiam ter sido respondidas naquela ocasião pela professora regente, mas foram registradas para se tornarem as primeiras questões da investigação. É importante ressaltar que os alunos no segundo ano do Ensino Fundamental estão em processo de consolidação da sua alfabetização e eles tem em torno de sete a oito anos de idade, propensos a indagações salutaras a sua aprendizagem, como defende a epistemologia da língua escrita.

[...] a criança procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática. [...] ao tomar contato com os sistemas de escrita, a criança, através de processos mentais, praticamente reinventa esses sistemas, realizando um trabalho concomitante de compreensão da construção e de suas regras de produção/decodificação (FERREIRO; TEBEROSKY, 1994, p.24).

Abordar o conhecimento inicial dos alunos permite identificar o seu nível de compreensão. Essa avaliação torna-se contribuidora para rever e reelaborar o planejamento didático. No processo se realizou as intervenções necessárias para mover ações de reflexões, que resultassem em novos conhecimentos expressados através de produções escritas e relatos orais.

Esse processo esteve atrelado aos objetivos elencados para uma experiência significativa de aprendizagem, uma vez que atende a curiosidade dos alunos. Na teoria de Piaget no processo de aquisição dos conhecimentos é preciso perceber e respeitar a maturidade cognitiva dos alunos, pois as estruturas intelectuais juntamente com as

experiências de ação precisam estar disponíveis: “parece geneticamente evidente que toda construção elaborada pelo sujeito supõe condições internas prévias” (PIAGET, 1978, p.62). Desse modo, compreende-se que o nível de exigência e as propostas de atividades deveriam levar em consideração os esquemas de pensamento do aluno na faixa etária dos sete aos oito anos de forma contextual, para facilitar o processo de ensino aprendizagem

[...] pressupõe que nossa estrutura cognitiva está configurada por uma rede de *esquemas de conhecimento*. Estes esquemas se definem como as representações que uma pessoa possui, num momento dado de sua existência, sobre algum objeto de conhecimento. Ao longo da vida, estes esquemas são revisados, modificados, tornam-se mais complexos e adaptados a realidade, mais ricos em relações. A natureza dos esquemas de conhecimento de um aluno depende de seu *nível de desenvolvimento* e dos *conhecimentos prévios* que pôde construir; a situação de aprendizagem pode ser concebida como um processo de comparação, de revisão e de construção de esquemas de conhecimento sobre os conteúdos escolares. (ZABALA, 1998, p. 37).

Nessa citação Zabala indica também o processo de avaliação e autoavaliação constante dos elementos envolvidos (alunos e professores) quando exercitam a comparação, a revisão, as trocas dos conteúdos sempre que vivenciam algo novo. Para assim, explorar as novas possibilidades que surgiram que acarreta em mais conhecimentos elaborados.

A seguir se discute o princípio da pesquisa, levantando estratégias na busca de responder as questões e hipóteses colocadas pelos alunos. Nessa etapa do desenvolvimento foi avaliado o que havia no registro, acrescentamos outras questões e listamos as propostas. Perguntamos aos alunos como e onde poderíamos pesquisar. Os alunos sugeriram livros, aulas de campo, entrevistas, pesquisas na internet, imagens, fotografia entre outras fontes, mostrando todo um traquejo enquanto pesquisadores.

Para organizar todas essas informações, a elaboração de um planejamento foi fundamental, envolvendo as diferentes áreas de conhecimento, promovendo uma prática interdisciplinar através da pedagogia de projetos. Ela consiste em uma metodologia de construção coletiva e permite o pensamento sistêmico dos conteúdos, estabelecido por um eixo principal para haver o diálogo entre as áreas.

Essa proposta requer a participação da família no processo, pois os alunos ainda não possuem autonomia suficiente para contribuir com materiais científicos e informativos. A primeira produção escrita dos alunos foi o bilhete coletivo solicitando o envolvimento das famílias. Como resposta imediata, a mãe de um dos alunos, que é cientista na área ambiental, mostrou-se interessada em contribuir e se propôs a participar de uma entrevista e palestra com a turma. A sua preocupação inicial focou em adequar a linguagem científica para a maturidade dos alunos.

Houve a exploração dos materiais trazidos de casa, através da leitura e debate sobre as informações, confrontando algumas questões elaboradas a princípio pelos alunos e abordando outras que ainda não tinham sido pensadas por eles.

Na visita da cientista foi realizada a entrevista e a palestra. A reação e entendimento dos alunos foram além do esperado. Expostos a imagens que comprovavam a situação caótica do rio, mostradas em equipamento de multimídia, os alunos apresentaram preocupações reais e, junto com a palestrante, pensaram em possibilidades para promover a busca de solução do problema: Como despoluir o rio? Como impedir que as pessoas não sujem mais o rio? Então, eles falaram sobre a coleta seletiva, sobre a drenagem do rio e até mesmo sobre o reaproveitamento do material coletado para produção de energia, mostrando que eles já possuem um posicionamento sobre as questões ambientais.

Outra informação recebida, durante a palestra, que aguçou a curiosidade dos alunos foi que as cidades ao longo da história nascem próximas a uma fonte de água e, assim a maioria delas surgiu perto de um rio. Desta forma, se conseguiu relacionar a questão do rio Potengi com outros lugares do mundo e foi aproveitado o ensejo para conhecer a história da cidade de Natal.

Na proporção que as informações circulavam na sala de aula, percebesse que se fazia necessário avaliar o aprendizado, constituindo em uma ação reflexiva contínua. Para isto, usamos o registro escrito, enquanto aliado de sistematização e de troca de conhecimentos, nos possibilitando perceber o quanto os alunos aprendiam diante de tantas informações e como conseguiam refletir com seriedade o assunto. Os registros serviram como instrumento avaliativo e como valorização do aprendizado, sendo afixado em nosso mural de estudos para outros terem acesso dos conhecimentos através da leitura.

Essa forma de avaliar também permitiu ao aluno com necessidades educativas especiais deixar presente a sua marca enquanto sujeito que interage e aprende, usando o seu desenho e a sua fala, que era registrada pela professora no papel de escriba.

Partindo desta premissa, de que toda cidade nasce perto do rio, se levou aos alunos a proposta de conhecer os locais que representam o surgimento da cidade de Natal. Sem nenhuma objeção, eles concordaram e se mostraram motivados com a saída para uma aula passeio ou de campo.

Novamente se fez necessário programar essa aula, que exigia a construção de uma nova sequência de ações. Então, compartilhada essa questão com os alunos o planejamento foi discutido na possibilidade deles interagir. Listado em grupo o que seria necessário para que essa aula de campo fosse interessante e bem proveitosa. De acordo com os questionamentos os alunos se atentaram para decidir a data, planejar o tempo do percurso, definir o percurso, pedir o transporte, calcular o custo com o veículo, solicitar a autorização aos pais, ver quem iria nos acompanhar, pensar no que seria necessário vestir e levar para beber e comer. Enfim, uma série de providências que enumeramos em forma de listagem o registro coletivo.

Como não havia o saber suficiente para programar o percurso de forma a atender os objetivos específicos, convidamos o professor de história do Ensino Fundamental anos finais para planejar com a turma o caminho. Em conversa com ele, fizemos algumas adaptações nos

conteúdos dessa disciplina, pois ultrapassava a proposta contida no currículo escolar para o 2º ano. Os ajustes permitiram criar um roteiro em que as crianças pudessem conhecer a história da cidade e do rio Potengi através de cada local histórico a ser visitado.

Nesse processo, se contou com a contribuição da professora de informática que realizou com os alunos uma pesquisa na internet. Junto aos alunos, ela foi à busca das localidades que o passeio iria transcorrer. Assim sendo, os alunos vivenciaram a utilidade do recurso virtual e puderam visualizar as imagens dos locais a serem percorridos – mapa virtual.

E foi nessa ordem de acontecimentos que outra mãe da turma, especialista em produção de mídia, sugeriu filmar a nossa aula de campo. A oportunidade nos permitiu não deixar as imagens sem edição e se propôs a nos ajudar a produzir um documentário. Todos aderiram a proposta e o grupo logo nomeou de Jornal.

Como preparativo para tão esperada saída, se criou um diário de bordo individual que possibilitasse, a cada aluno, anotar as suas observações nos locais visitados. A avaliação da produção desse diário foi tida como válida, entretanto o manuseio de tal recurso com alunos ainda sem habilidades suficientes para prestar atenção, anotar e participar de forma simultânea. Esta atividade foi desafiadora, pois ultrapassou as possibilidades do grupo. Assim sendo, no retorno se abriu espaço para a oralidade, a visualização das fotos tiradas e a memória do grupo com o intuito de realizarmos um texto coletivo que recuperou o nosso trajeto.

Essa dinâmica foi conduzida, primeiramente, em pequenos grupos que tinham que descrever e narrar o que vimos a cada local visitado e apresentá-lo em forma de seminário. Essas anotações foram realizadas em cartazes, de modo que o conteúdo a ser veiculado neles fosse escrito e exposto em letras grandes, legíveis e adequadas ao gênero que estava sendo usando.

A viagem iniciou pela ponte de Igapó, a que liga a população da zona norte à zona sul. Bem nesse local, se atentou para os primeiros habitantes do litoral norte-rio-grandense, os índios potiguares, cujo nome significa em tupi os comedores de camarão. Os alunos obtiveram a valiosa informação que Potengi tem sua origem na língua tupi e quer dizer, rio dos camarões.

Entre a foz do rio, o oceano Atlântico e as dunas da região, o professor de história se reportou ao passado. Aproveitou a paisagem para resgatar a história da nossa cidade, desde o período dos primeiros habitantes e fez um comparativo com os dias atuais. Ainda nessa hora, intencionalmente, se promoveu uma discussão a respeito do encontro dos índios com os europeus no período das grandes navegações. Apesar dos conflitos que aconteceram e o choque cultural ocorrido entre os povos, foi importante acrescentar a informação que somos todos resultantes de uma junção de etnias.

Posteriormente em sala, se reforçou essa ideia de identidade formada por brancos, negros e índios, com uma atividade na qual os alunos puderam localizar os continentes em um mapa mundi. Logo após, eles selecionaram figuras humanas que ilustravam as diferentes etnias e as colaram em um grande mural, agrupando as imagens escolhidas em seus territórios de origem. Para finalizar essa atividade, os alunos fizeram a ligação entre os continentes a fim de marcar o caminho percorrido pelas caravelas e colamos a foto do grupo, de modo que pudessem se sentir pertencentes a essa história de culturas, que se fez o povo brasileiro.

Ao longo do trajeto beirando o rio, ainda se teve a oportunidade de visitar o Forte dos Reis Magos, como marco inicial do surgimento da nossa cidade. Em seguida à Pedra do Rosário que marca a tradição contada pelos pescadores sobre a escolha da padroeira. A ocasião possibilitou para descer no mangue. O professor de história explicou que lá é o berçário de vida das espécies marinhas. Infelizmente só foi possível visualizar o grau de devastação e poluição do rio, conforme já havíamos tratado na palestra com a cientista ambiental.

A próxima atividade foi organizar o passo a passo do documentário a ser editado e mostrado para a comunidade escolar. Para esse fim, foi preciso criar um roteiro e definir os papéis de cada aluno. A escrita de um texto que, ao ser lido para a turma, foi recebendo contribuições dos alunos. Nesse momento surgiu a ideia de uma manchete que chamasse a atenção dos futuros espectadores para o documentário e a proposta foi aderida, a saber: “O rio Potengi não é uma lixeira”.

Em seguida, foi decidido quem dramatizaria o papel dos jornalistas, apresentadores, os entrevistadores, os alunos que fariam parte da suposta sala de aula e o professor. Os alunos propuseram que a convidada especial para ser entrevistada fosse a própria mãe que deu a palestra. Eles elaboraram as perguntas, apresentando maior maturidade e intimidade com o assunto; o que nos aponta para perceber que eles haviam avançado do conhecimento inicial presente no começo do projeto.

Estas iniciativas dos alunos estão fundamentadas nos conteúdos procedimentais, quando eles participam de forma efetiva do planejamento de forma a aprender a fazer. Portanto, houve abertura de espaço para que eles contribuíssem com a estruturação do documentário. Com isso eles elaboraram perguntas, interferiram no texto, pensaram no modo de apresentar e decidiram como seria o cenário, o figurino, os personagens e até a própria linguagem a ser utilizada, se seria mais adequada usar uma linguagem formal ou informal através da mediação da professora regente.

Nesse momento poderia ser dado como encerrado esse projeto, porém para dar segmento à proposta da escola com uma ação pedagógica de âmbito social chamado: “Passos pequenos, metas ousadas”, foi ampliado o projeto por mais um mês e através dele se agregou novos objetivos a ser desenvolvido:

- a) Fazer contato com a população ribeirinha;
- b) Conhecer o modo que essa população vive e respeitá-la;

- c) Reconhecer os problemas do rio para esta população como sendo comum ao grupo;
- d) Estabelecer trocas de conhecimento e cultura;
- e) Encontrar soluções para o problema da poluição;
- f) Levar estas soluções ao conhecimento das autoridades governamentais

O conhecimento da existência de uma escola municipal para atender essa população se tornou o espaço facilitador para desenvolver esses objetivos. Acolhidos pela equipe dessa escola o encontro entre as duas realidades sociais e culturais possibilitaram aos alunos da rede privada um contato especial com os alunos da rede pública. A visão dos problemas bem mais acentuados por aqueles que estavam convivendo no ambiente ribeirinho, permitindo o crescimento daqueles que estavam distantes daquela realidade. Informações e troca de experiências de grande valor oportunizadas naquele encontro.

Na turma da escola pública havia alunos filhos de pescadores, que relataram a dificuldade do pai em garantir o sustento da família com a diminuição da pesca no rio. Mesmo sendo crianças de realidades socioeconômicas diferentes, elas se identificaram com a preocupação da poluição do rio. Diante dessa realidade todos perceberam a necessidade de fazer algo para mudar.

Na ocasião ficou resolvido unir as reivindicações e levar às autoridades locais um apelo em prol da despoluição do rio. O momento mobilizou não apenas a produção de uma carta oficial a prefeita da cidade, que foi entregue dias depois em mãos, mas também se analisou e foi feito acordos para que as atitudes dos moradores da região colaborassem com a causa, a saber: “não jogar lixo no rio, limpar o rio, criar uma maneira de reciclar ou reaproveitar o lixo que é levado para o rio”.

3 AS CONQUISTAS DO PROJETO

Diante de todo o processo de desenvolvimento desse projeto de estudo se percebeu a grande conquista na aprendizagem cognitiva, social, política e afetiva dos alunos envolvidos. Isto comprova que as áreas do conhecimento precisam ganhar a dimensão sistêmica, permitindo entrelaçar conhecimentos de forma interdisciplinar.

A compreensão acerca dos problemas sociais em detrimento da falta de uma política coerente e em favor da assistência a todos, favoreceu admiração pela maturidade que os alunos obtiveram no decorrer do estudo, apesar da sua pouca idade. No momento que estivemos entregando a carta havia autoridades presentes e o secretário da SEMURB, que é professor de geografia. Ele não se conteve em reconhecer a capacidade reflexiva dos alunos proporcionada por essa proposta pedagógica.

Todos os objetivos foram alcançados e as atividades incluídas com a participação dos alunos estiveram garantidas. Eles descobriram que existem dois modos de escrever a palavra

Potengi. Um com “J” Potenji seria na ortografia Tupi e com “G” Potengi quando se trata de se escrever na língua portuguesa.

Os desafios foram motivadores para novas aprendizagens e entre elas, se destaca o empreendimento da filmagem de um programa televisivo. Este foi um momento muito importante, onde se percebe o crescimento dos alunos a partir de uma ação interdisciplinar. O diferencial nesse projeto está na oportunidade deles desenvolverem suas habilidades de escrita, leitura e oralidade nas apresentações, no processo de construção, representação de papéis, na ajuda da construção da fala do colega e, principalmente na apropriação de um conhecimento articulado entre as áreas.

No final os alunos criaram um lema parafraseando a música Ora bolas do CD Palavra Cantada que repercutiu por toda a escola: “O rio Potengi é meu, é seu, é nosso, é de Natal, é do Brasil e é do nosso planeta. Vamos cuidar dele!”

A experiência demonstra a percepção dos alunos em relação ao problema do rio Potengi, compreendendo que ele faz parte de uma questão bem mais ampla e envolve a esfera do global, ou seja, a Água. O projeto pedagógico partindo de um conhecimento contextualizado, possibilitando aos alunos um entendimento mais complexo sobre a cadeia social, política e ambiental no cerne da questão.

Portanto, diante das contribuições dos profissionais da escola, de pais e do envolvimento dos alunos *é possível desenvolver um projeto em uma perspectiva sistêmica*, desencadeando uma ação interdisciplinar, no intuito de oferecer um espaço para desmistificar o mundo ilusório e participar da história com um novo olhar para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. Trabalho de projetos e aprendizagem da matemática. In: _____. **Avaliação e Educação Matemática**. Rio de Janeiro: MEM/USU – GEPEM, 1995.

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. ed. rev. e ampl. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.